

OS DADOS INÉDITOS DO PROJETO MARAJÓ (1962-1965)

*Denise Pahl Schaan**

SCHAAN, D.P. Os dados inéditos do Projeto Marajó (1962-1965). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 11: 141-164, 2001.*

RESUMO: Durante a década de sessenta, o Projeto Marajó identificou e estudou dezenove novos sítios no sudeste da Ilha de Marajó, buscando ampliar, dentro da metodologia de pesquisa empregada pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica/PRONAPABA, a base de dados que sustentava o modelo das Fases da Floresta Tropical proposto por Meggers & Evans (1957). No entanto, os resultados das pesquisas não se encaixaram totalmente dentro das expectativas dos pesquisadores, e alguns dados importantes nunca foram publicados. Neste artigo, confrontamos os dados parciais publicados com os relatórios das pesquisas de campo e resultados das análises da cerâmica (fichas de sítios, relação de fragmentos e livro de tombo do Museu Goeldi), discutindo a validade do modelo utilizado para a definição de culturas cerâmicas pré-históricas na Ilha.

UNITERMOS: Arqueologia da Ilha de Marajó – Fases da Floresta Tropical – Culturas cerâmicas.

O Projeto Marajó foi um programa de pesquisas arqueológicas desenvolvido na região sudeste da Ilha de Marajó, estado do Pará, em uma área de 450 km² entre os rios Goiapi e Camará, durante os anos de 1962 a 1965. Em um período de escassez de recursos destinados às pesquisas arqueológicas dentro do Museu Paraense Emílio Goeldi, a execução desse projeto foi possível graças à parceria desenvolvida entre a Universidade Federal do Pará, o Museu Goeldi e a firma Cardoso & Irmãos, proprietária de várias fazendas em cujas terras se localizavam os sítios arqueológicos. Um pequeno apoio financeiro proveio do

Museu e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN, enquanto a firma Cardoso & Irmãos ofereceu ocasionalmente transporte, estadia e outras facilidades, como a cedência de trabalhadores braçais (Simões 1981:155). Em quatro etapas de campo, entre os meses de setembro a novembro dos anos de 1962, 1963, 1964 e 1965, Napoleão Figueiredo, Mário Simões e José Carlos Cardoso – os dois primeiros representantes das duas instituições conveniadas e o terceiro, sócio da firma proprietária das fazendas – localizaram, mapearam e realizaram sondagens em dezesseis novos sítios, ampliando em direção à área sudeste da Ilha o conhecimento que se tinha sobre a ocupação pré-histórica na região (Simões 1967).

Esse foi o segundo maior projeto de investigação arqueológica realizado no

(*) Universidade de Pittsburgh, PA. Doutoranda em Antropologia Social, Bolsista do CNPq.

Marajó, pois, após as pesquisas de Meggers & Evans nos anos de 1948-49, houve somente a pesquisa realizada por uma expedição do Museu Paulista, nos primeiros meses do ano de 1950, da qual participou Peter Paul Hilbert como representante do Museu Goeldi.¹ Dados os antecedentes, o objetivo do Projeto Marajó era o de:

“comprovar a seqüência local estabelecida por Meggers & Evans (1957) (...) e obter amostras de carvão para datação por C14” (Simões 1981:155-6).

O carvão coletado em dois sítios permitiu datar o período de contato entre as Fases Ananatuba e Mangueiras (sítio PA-JO-26: Castanheira) e forneceu uma data antiga para a Fase Marajoara (sítio PA-JO-36: Frei Luís).²

Do Projeto Marajó resultaram quatro relatórios de viagem com mapas e croquis, cerca de quarenta mil fragmentos de cerâmica, algumas poucas peças inteiras ou fraturadas como urnas, vasos, banquinhos e tangas, além de fragmentos de ossos e alguns artefatos líticos. A cerâmica foi classificada nos laboratórios da Área de Arqueologia do Museu Goeldi segundo a metodologia utilizada na época, separando-se os fragmentos segundo os tipos já definidos por Meggers & Evans (1957), e quantificando-os para a realização de seriações.

O estabelecimento de cronologias relativas entre os sítios partia da comparação entre as frequências relativas de dois dos tipos simples (não decorados) de cada fase. Os relatos das etapas de campo e os resultados das análises do material foram publicados parcialmente em três artigos: o primeiro em 1963, na *Revista do Museu Paulista*, intitulado “Contribuição à arqueologia da Fase Marajoara”, assinado por Figueiredo e Simões, e os posteriores, em 1967 e 1969, de autoria individual de Simões, respectivamente: “Resultados Preliminares de

uma prospecção arqueológica na região dos rios Goiapi e Camará, Ilha de Marajó” (*Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica*) e “The Castanheira Site: New evidence on the antiquity and history of the Ananatuba Phase, Marajó Island, Brazil” (*American Antiquity*).

Cerca de trinta e cinco anos depois, revendo as anotações de laboratório, os relatórios e as fichas dos sítios estudados naquela época, descobrimos que vários dos dados que surgiram através da análise do material cerâmico coletado pelo Projeto Marajó continuam inéditos. Algumas ocorrências importantes jamais foram mencionadas, como a contemporaneidade das fases Mangueiras e Marajoara nos sítios PA-JO-23: Ilha da Ponta e PA-JO-28: Ilha do Fogo, ou a existência de cerâmica, em alguns sítios, que não pôde ser enquadrada em nenhuma das fases, pois não se encaixava em nenhum dos tipos descritos, por apresentar diferentes colorações de núcleo ou antiplástico constituído por ossos, areia ou cariapé.³ Além disso, o material proveniente do sítio-cemitério de Ilha Pauxis nunca foi estudado e o sítio não foi registrado. A rigidez de princípios teóricos prévia à coleta de dados pode ter influenciado decisivamente na avaliação dos resultados das pesquisas:

“Como a seqüência regional já era conhecida, seria necessário apenas efetuarmos rápidas prospecções de reconhecimento (“spot surveys”), isto é, a localização extensiva dos sítios e a respectiva coleta de material de superfície para identificação e seriação posteriores. Entretanto, pelo desconhecimento arqueológico da área em prospecção e a necessidade de dados relevantes, como amostras de carvão para datação por C-14, padrões de sepultamento e outros – somente obtidos através de escavações –, preferimos proceder em todos os sítios cortes-estratigráficos para extrair destes o maior número possível de informações” (Simões 1967:213).

(1) Os resultados das prospecções realizadas durante essa expedição foram publicados por Hilbert, em 1952, e por Meggers & Evans, em 1957.

(2) Segundo o relatório de 1965 (Simões 1965:11), foi coletado carvão de mais dois sítios: PA-JO-33: São Leão (nível 45cm) e PA-JO-34: Gentio (níveis 30, 60 e 90cm), mas, aparentemente, estas amostras não foram datadas.

(3) Em todas as cinco fases descritas por Meggers & Evans para a Ilha de Marajó, é característico o uso do caco moído como antiplástico; como a ocorrência desse antiplástico é atributo distintivo fundamental na caracterização dos tipos cerâmicos dessas fases, toda ocorrência diversa era considerada como “inclassificado” ou, por vezes, cerâmica “cabocla”.

No entanto, à medida que as prospecções e a análise da cerâmica começaram a produzir dados que não confirmavam a seqüência já estabelecida para as fases, e que mostravam que poderia haver uma contemporaneidade muito além da esperada entre os sítios, além de revelar uma diversidade na manufatura da cerâmica até então não reportada, os pesquisadores podem ter optado por desconsiderar as novas informações, uma vez que assumi-las implicaria em ter que rever o modelo corrente. Os resultados publicados, portanto, apenas confirmaram o quadro teórico já existente, reforçando-o com as seriações realizadas com os novos sítios descobertos na região sudeste. As datações absolutas obtidas, por seu turno, reenquadraram cronologicamente a posição geral das fases sem alterar sua situação na sucessão diacrônica.

No presente trabalho, portanto, apresentamos e discutimos alguns dos dados levantados pelo Projeto Marajó – a partir do exame dos registros existentes na Reserva Técnica da Área de Arqueologia do Museu Paraense Emílio Goeldi sobre os sítios pesquisados e do exame do material proveniente dos sítios Ilha da Ponta, Ilha do Fogo e Ilha Pauxis, confrontando-os com os dados publicados por Figueiredo & Simões (1963) e por Simões (1967, 1969).

A pesquisa de campo durante o Projeto Marajó

A pesquisa de campo conduzida pelo Projeto Marajó consistiu basicamente na identificação, mapeamento, coleta de material de superfície e realização de sondagens nos sítios arqueológicos da área selecionada. Os sítios foram identificados tanto através das informações obtidas junto a moradores locais, como a partir da observação da existência de material na superfície ou de acúmulo de sedimento de origem antrópica em contraste com o relevo natural da paisagem.⁴ A coleta de

superfície foi, em geral, assistemática, e as sondagens foram realizadas nos pontos mais altos e/ou aparentemente não muito perturbados dos sítios.

Os cortes não seguiram um padrão determinado quanto às suas dimensões – variando entre 1x1m, 1,5x1,5m e 1x2m. As escavações obedeceram a níveis artificiais que variaram de 10 até 25cm. Como geralmente a escavação era realizada por trabalhadores não qualificados e não era dada importância às camadas estratigráficas, as observações a esse respeito, nos relatórios, são lacônicas. Entretanto, em alguns sítios, as poucas notas mostram a existência de camadas de ocupação distintas, com a ocorrência de placas de barro batido e queimado, provavelmente relacionadas com pisos de casas (cf. Figueiredo 1963).

No entanto, essas diferentes camadas não foram consideradas relevantes para a construção das seriações, o que poderia ter sido feito, aumentando a confiabilidade do método, do qual uma das premissas era a de sucessão cronológica dos níveis estratigráficos, seguindo o princípio geológico. Não foi levado em consideração, por exemplo, que poderiam estar trabalhando com seqüências invertidas, ocasionadas por um reviramento acidental ou antrópico do solo.

Em PA-JO-21: Teso dos Bichos, foi feito um corte em 1964, escavado em níveis de 25cm, levado até 350cm. Após foi feito um “capeamento” (Figueiredo 1964:6-8), com a descrição das camadas estratigráficas – 10 camadas distribuídas em 6 estratos distintos. Mesmo com esses dados, as seriações continuavam a ser feitas segundo os níveis artificiais, misturando, portanto, em um mesmo nível, fragmentos de períodos claramente diferentes.

Segundo Simões (1967), teriam sido realizadas prospecções em 16 novos sítios, levando em conta que os sítios PA-JO-21: Teso dos Bichos e PA-JO-37: Fortaleza já tinham sido escavados anteriormente. No entanto, é curioso que ele inclua na lista dos novos sítios

(4) A região pesquisada é muito plana e os sítios sobressaem-se por serem elevados e cobertos de vegetação. Principalmente na época das chuvas, quando os campos são inundados, os sítios surgem como “ilhas”,

vindo daí o nome de muitos deles. Os sítios da fase Formiga pesquisados em 1965, por exemplo, apresentavam cerca de 0,50m de altura acima do nível do campo e somente PA-JO-33: São Leão, chegava a atingir 0,95m.

pesquisados pelo Projeto Marajó o sítio PA-JO-26: Castanheira, que foi trabalhado por José Carlos Cardoso sozinho em 1965, e que exclua de seus registros outro sítio pesquisado por Cardoso: Ilha Pauxis (nunca registrado como sítio arqueológico). Ilha de São Raimundo, por seu turno, segundo o relatório de 1962, foi visitado nesse mesmo ano por Simões e Figueiredo, que fizeram coleta superficial, não registrando o sítio. Outro sítio ainda, PA-JO-38: Rocinha, não citado nas publicações, foi pesquisado por Cardoso em 1966 e, segundo a ficha do sítio,⁵ nos registros do Museu Goeldi, é também da fase Marajoara.

Durante a vigência do Projeto Marajó, foram visitados, portanto, segundo o que apuramos, um total de 19 sítios, sendo quatro destes compostos por dois aterros cada um. Do total, 17 foram formalmente registrados, sendo exceção feita a Ilha Pauxis e Ilha de São Raimundo. Ilha Pauxis foi prospectada por José Carlos Cardoso (fazendeiro que participou das pesquisas de campo) e não existem no Museu Paraense Emílio Goeldi notas de campo, apesar de o sítio ter fornecido material interessante e em quantidade (cf. Quadro 1).

Quanto às fases arqueológicas identificadas, Simões descreve:

“Dos sítios prospectados, 10 pertencem à fase Marajoara (7 sítios-cerimoniais e 3 sítios-habitações), 5 à fase Formiga e 1 à fase Ananatuba” (Simões 1967: 222).

Quatro dos cinco sítios da fase Formiga pesquisados faziam parte, na verdade, de um grupo de sete aterros, conforme o relatório:

“(…) descobrimos uma série de sete aterros sobre a lombada do teso que vai desta fazenda [Ilha do Fogo] até o Curuxis. Embora nenhuma evidência arqueológica fosse encontrada à superfície, a ligeira elevação acima do nível do campo e o tipo de solo levaram-nos a testar tais elevações, revelando todos os cortes experimentais a presença de cacos logo abaixo da capa superficial. Dos sete aterros prospeccionamos: aterro I (J-29), II (J-30), III (J-31) e IV (J-32)” (Simões 1965:4).

(5) As fichas de sítio foram feitas seguindo o modelo proposto por Meggers e Evans (1965: 21-28).

A classificação da cerâmica

A construção tipológica realizada por Meggers & Evans para a aplicação do método Ford no estudo da cerâmica proveniente da Ilha de Marajó baseou-se em dois critérios básicos: a decoração e a coloração do núcleo, uma vez que o antiplástico identificado em todas as amostras era o caco moído, não podendo, portanto, ser utilizado como atributo distintivo. Durante a vigência do Projeto Marajó, nos laboratórios da Área de Arqueologia do Museu Paraense Emílio Goeldi, a cerâmica era limpa, numerada e classificada segundo os tipos cerâmicos descritos por Meggers & Evans (1957) para as fases da Ilha de Marajó. Simões havia organizado as coleções-tipo, conjuntos de fragmentos representativos de cada um dos tipos cerâmicos, que serviam de guia comparativo para a classificação.

Em um primeiro momento, os fragmentos eram separados em função da existência ou não de decoração. Cada uma das três primeiras fases da seqüência (Ananatuba, Mangueiras e Formiga) possuíam um tipo-decorado-diagnóstico, ou mesmo alguns traços diagnósticos que permitiam sua rápida identificação; a cerâmica da fase Marajoara, por sua complexidade decorativa, diferenciava-se suficientemente das outras fases. No grupo dos fragmentos não decorados – chamados simples – cada uma das fases se diferenciava por apresentar características distintivas quanto à tecnologia de preparo e queima da cerâmica, visíveis, supostamente, no exame da pasta cerâmica. Os tipos simples descritos, no entanto, para cada uma das fases (dois para as fases Ananatuba, Mangueiras e Marajoara e quatro para a fase Formiga), possuem, na realidade, diferenças realmente significativas apenas quanto à cor do núcleo, apesar de as descrições de cada um dos tipos serem detalhadas quanto à qualidade da mistura, tamanho das inclusões, dureza etc.. Sabe-se, no entanto, que uma construção tipológica sempre se baseia em dois, no máximo três, atributos distintivos básicos e que as demais características do tipo são, na realidade, variações previsíveis dentro de um mesmo grupo de entes semelhantes.

Na tipologia de Meggers & Evans os tipos simples não apenas descrevem tipos sem

QUADRO 1

Ilha Pauxis

Informações constantes no Livro de Tombo/Acervo arqueológico MPEG (procedência Pauxis/Faz. Santa Maria, coletor José Carlos Cardoso). As observações são nossas

NºTombo	Descrição	Local	Observações
933	Frag fase Marajoara	Sítio A	53 frag. de cerâmica decorada, a maioria com engobo vermelho e 54 frag. de cerâmica-decorada.
934	Vaso fase não-identificada	Sítio A	Cerâmica leve, temperada com caco moído, muito porosa, formato irregular, provavelmente devido à queima.
935	Vaso fase não-identificada	Sítio A	Tigela restaurada (cf. fig.2)
936	Vaso fase não-identificada	Sítio A	Tigela restaurada (cf. fig.2)
940	Frag. fase não-identificada	Sítio A	Vasilha restaurada em 1999. Pasta semelhante ao tipo Catarina simples (fase Formiga); engobo vermelho (cf. fig.2)
941	Urna fase não-identificada	Sítio A	Urna sem decoração, restaurada (cf. fig.2)
942	Vaso fase não-identificada + 2 frag. Fase Marajoara	Sítio A	Vaso com borda entalhada (cf. fig.2)
943	Frag. fase não-identificada	Sítio B	9 fragmentos de cerâmica decorada e 12 de cerâmica não decorada
944	Urna fase não-identificada + ossos	Sítio B	Vestígios de pintura marrom avermelhada (cf. fig.2)
945	Urna fase não-identificada + ossos	Sítio B	Não localizada
946	Frag. fase Marajoara ????	Sítio B	Peça restaurada em 1999. Diâmetro 54cm, não foi possível enquadrar em nenhuma das fases. Formato semelhante à peça nº 940
947	Frag. fase Marajoara + fase não-identificada	Sítio C	97 fragmentos de cerâmica decorados e 150 fragmentos de cerâmica não decorada. Os fragmentos que não puderam ser classificados na fase Marajoara apresentam pasta semelhante à fase Mangueiras, mas também aos tipos Camutins simples e Formiga Simples. A decoração inclui ungulados, digitados, pintura policrômica, engobo vermelho, escovados e incisos
937	Lâmina de machado pequena	Sem inform.	
948	Lasca lítica	Sem inform.	
938	Pigmento para pintura	Sem inform.	
939	Fragmentos de ossos humanos	Sem inform.	

decoração mas também definem tipos de pasta cerâmica que podem – e devem – ser identificadas nos tipos decorados. Na fase Mangueiras, por exemplo, existem dois tipos simples: Mangueiras simples e Anjos simples, e, entre os tipos decorados, Bacuri escovado (com pasta Anjos simples), Croari escovado (com pasta Mangueiras simples), Pocoató raspado (com pasta Mangueiras simples) etc.. Na Fase Formiga, por exemplo, há quatro tipos simples: Formiga simples, Coroca simples, Embaúba simples e Catarina simples, e, dentre os tipos

decorados, Saúba escovado (com pasta Coroca simples), Mucajá corrugado (com pasta Embaúba simples) etc.. Essa classificação permitiu, principalmente para os autores, caracterizar mudanças cronológicas, criando uma seqüência que resultou em uma sucessão diacrônica entre as fases e uma cronologia relativa entre os sítios de uma mesma fase, com o objetivo de mostrar que os sítios eram apenas parcialmente contemporâneos e, portanto, com grau de sedentarização compatível com o esperado para culturas de floresta tropical.

No entanto, um dos problemas que a equipe de Simões encontrou na classificação do material proveniente desses três sítios que aqui descrevemos foi que alguns dos tipos decorados, relacionados a fases facilmente identificáveis, estavam aparecendo com pastas cerâmicas que não se enquadravam na descrição dos tipos simples de suas próprias fases. Além disso, mesmo quando a maioria dos decorados se encaixava bem em uma das fases, os tipos simples pareciam ser de outra fase, o que era incoerente. Isso sem falar na coexistência de fragmentos cerâmicos das fases Mangueiras e Marajoara em vários níveis em um mesmo sítio (Ilha da Ponta e Ilha do Fogo), o que era incompatível com a posição diacrônica dessas duas fases, uma vez que, após as datações radiocarbônicas processadas com carvão obtido nas escavações do próprio Projeto Marajó, haveria um hiato temporal muito grande entre elas.

Uma vez que esses fatos não poderiam ser explicados de maneira convincente sem questionar o modelo, Simões não publicou esses dados, ao mesmo tempo em que preservou as primeiras anotações de laboratório onde, ao lado das quantificações dos fragmentos da fase Mangueiras em dois dos sítios da fase Marajoara se observam grandes pontos de interrogação.

PA-JO-23: Ilha da Ponta

Durante a primeira semana de setembro do ano de 1963, Napoleão Figueiredo e José Carlos Cardoso escavaram o sítio Ilha da Ponta, localizado na Fazenda Santa Maria:

“O aterro Ilha da Ponta é uma elevação com aproximadamente 1,5m de altura, medindo 200m de comprimento por 50m de largura, coberto de vegetação, com declives para o campo e para a baixa que, na estação chuvosa, fica ligada ao igarapé Ilha do Fogo (...) Foram procurados os pontos mais altos do aterro. No primeiro foi tentado corte experimental de 1x1m. Foram feitos 5 cortes, mas somente um foi trabalhado” (Ficha do sítio Ilha da Ponta, 1963).

O relatório de campo, entretanto, descreve com algum detalhe os cinco cortes realizados, sendo que em todos eles foram encontradas peças semi-inteiras e fragmentadas, denotando

enterramentos: urnas, “alguidares”, banco, tanga, “fruteiras”. O corte “aproveitado” provavelmente foi aquele que possibilitou a recolhida de fragmentos suficientes para a realização da seriação. Há a seguinte descrição sobre esse (corte 4):

“No primeiro horizonte, evidência de barro queimado, carvão e pequenas placas de barro endurecido de cor branca e amarela, com sinais de fogo. Em um dos cantos do corte, foi encontrada urna excisa, junto com outra globular totalmente fragmentada. Retirou-se a urna, mais ou menos inteira, que se encontrava repousando sobre areia numa profundidade de 0,75cm” (Figueiredo 1963).

Foi possível aos pesquisadores classificar a maior parte dos fragmentos coletados nesse ano segundo os tipos estabelecidos para a Fase Marajoara (cf. Tabela 1). Entretanto, 71 fragmentos tombados sob o nº 1329 são classificados como “Mangueiras(?)” [sic].⁶ Nas fichas do sítio encontra-se, referente ao nível 25-50cm, a seguinte observação: “25 cacos não-Marajoara – provável Mangueiras?” [sic], enquanto, em relação ao nível 50-75cm, 44 cacos já são classificados como Mangueiras.

Essa ocorrência de fragmentos da fase Mangueiras, ainda que em número bastante reduzido, nesse que se caracterizava como um sítio-cemitério da fase Marajoara, deve ter sido o motivo que levou Simões a voltar à Ilha da Ponta em 1965. No entanto, o relatório de 1965 é bastante lacônico quanto a este tesoro:

“(…) procedemos ainda a novo corte-estratigráfico no aterro Ilha da Ponta” (Simões 1965:4).

Nas fichas, entretanto, há a descrição do tesoro, seguida pelo relato de que o novo corte, chamado então de 2, foi feito a 3m do corte 1 (o aproveitado, corte 4) de 1963 (MPEG Nº de Tombo 964). Esse corte (1x1m) foi escavado em níveis artificiais de 20cm até o nível 80cm, a partir do qual começava o solo estéril. Apareceram cacos, blocos de barro queimado e vestígios de carvão. Essa escavação foi pródiga em fragmentos da fase Mangueiras,

(6) Fonte: Listagem de fragmentos tombados, Reserva Técnica Arqueológica MPEG.

como mostra a Tabela 2. Na publicação de 1967, no entanto, Simões considera somente uma parte dos fragmentos coletados (tipos Inajá simples e Camutins simples, da fase Marajoara) para a realização da seqüência seriada: 203 fragmentos Inajá simples e 84 fragmentos Camutins simples (Simões 1967: 220), enquanto, somente no nível 0-20cm, havia 199 fragmentos Inajá simples e 113 Camutins simples!

Simões realizou ainda uma coleta superficial que produziu um total de 187 fragmentos, sendo 69 de cerâmica decorada e 118 de cerâmica não decorada (cf. Livro de Tombo, n° 962). Não há registro da análise desse material nas fichas.

Segundo a classificação realizada na época, do total de 667 fragmentos tombados provenientes da escavação de 1965, 10,64% são da fase Mangueiras, 4,35% não puderam ser classificados dentro de nenhum tipo cerâmico e 85,01% são da fase Marajoara. Dessa fase, a porcentagem de decorados atinge 41,23%, um valor bastante elevado, mesmo para sítios-cerimoniais.⁷

Se, por um lado, os fragmentos coletados por Figueiredo e Cardoso em 1963 foram, infelizmente, guardados por tipo-variedade, perdendo-se a informação sobre sua procedência estratigráfica, por outro lado, o material coletado por Simões foi guardado segundo os níveis estratigráficos de onde provieram, divididos dentro dos níveis segundo os tipos cerâmicos, o que tornou possível reexaminar parte do material e confrontar os dados com as análises feitas à época.

PA-JO-28: Ilha do Fogo

A prospecção no sítio Ilha do Fogo foi feita na mesma oportunidade em que foi

(7) Simões (1967: 219) classificou Ilha da Ponta como aterro-cerimonial, uma terceira categoria de sítio, que não é o sítio-cemitério (por não conter enterramentos), mas que apresenta mais de 8% da cerâmica coletada com decoração. No entanto, mesmo segundo esses critérios, Ilha da Ponta seria sítio-cemitério, pois Figueiredo, em 1963, localizou enterramentos.

pesquisado Ilha da Ponta, em 1965, uma vez que são próximos um do outro. O aterro de Ilha do Fogo é banhado a sul e sudeste pelo igarapé Ilha do Fogo, e media, à época, 98mx45m, possuindo 1,15m de altura acima do nível do campo e distando cerca de 500m da fazenda Ilha do Fogo. Na parte oriental do teso havia um cemitério e o terreno estava bastante perturbado e por essa razão escolheram a parte oeste para trabalhar, onde foram feitos dois cortes-estratigráficos e coleta de superfície. Ambos os cortes (1x1m) foram escavados em níveis de 10cm, mostrando evidências até o nível 140cm, constituídas de fragmentos de cerâmica, barro queimado, pequenos fragmentos de ossos e vestígios de carvão (Simões 1965). No livro de tomo constam os números: T. 967 – fragmentos das fases Marajoara e Formiga, corte 1-A e T. 968 – fragmentos da fase Marajoara e Formiga, corte 2-B. No entanto, duas outras fontes de informações na Reserva Técnica da Área de Arqueologia do Museu Goeldi mostram dados diferentes.

As fichas do sítio, feitas em seguida à chegada de campo e onde eram colocadas as informações sobre a análise dos fragmentos mostram que, em relação à coleta de superfície, dos 189 fragmentos coletados, 52 fragmentos, classificados como pertencentes à fase Mangueiras e 9 fragmentos, classificados como cerâmica cabocla, são tidos como: “não computados”. No canto da ficha consta: “Marajoara - 72,5%; Mangueiras (?) - 27,5%”. Já na relação de fragmentos tombados na Reserva Técnica (Tabelas 4, 5 e 6) tem-se 51 fragmentos como “provável Formiga”. Em relação aos dois cortes feitos, os fragmentos foram classificados em parte entre os tipos cerâmicos da fase Marajoara e parte permaneceu como pertencente à fase Mangueiras, sem a classificação nos tipos dessa última fase e com constantes pontos de interrogação ao lado da expressão “fase Mangueiras”, com relação a todos os níveis.

É interessante notar que, na relação de quantificação de fragmentos existente na Reserva Técnica para todos os fragmentos tombados, no corte 1-A, entre os níveis 0 e 80cm, os fragmentos Mangueiras aparecem como “provável Formiga”, e para todos os demais níveis como “não-Marajoara”. Já no

TABELA 1
PA-JO-23: ILHA DA PONTA – Fragmentos de 5 cortes (Figueiredo, 1963) – MPEG/Tombo 1319 a 1322, 1328 e 1329

Fase Marajoara																				
Tipos não decorados		Tipos decorados										TOTAL								
		Camutins simples	Inajá simples	Joanes Pintado	Joanes N° %	Pacoval Inciso	Arari exciso vermelho	Anajás inciso branco	Goiapi raspado	Outros decorados	Fase Mangueiras		Não classificados							
N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°						
84	12,59	208	31,18	131	19,64	37	5,55	65	9,74	22	3,3	14	2,1	6	0,9	71	10,64	29	4,35	667

TABELA 2
PA-JO-23: ILHA DA PONTA – Corte 2 (Simões 1965) – MPEG/Tombo 964

Fase Marajoara																							
Tipos não decorados		Tipos decorados										TOTAL											
		Camutins simples	Inajá simples	Joanes Pintado	Joanes N° %	Goiapi raspado	Goiapi raspado	Outros tipos decorados	Mangueiras simples	Anjos simples	Bacuri escovado		Outros tipos decorados	Outras cerâmicas									
Nível	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°		
0-20	113	28,03	199	49,37	51	12,65	9	2,23	27	6,69	-	0	-	0	0	0	0	0	0	0	4	0,99	403
20-40	341	42,83	268	33,66	59	7,41	65	8,16	14	1,75	23	2,88	6	0,75	-	0	10	1,25	-	0	10	1,25	796
40-60	138	18,03	123	16,07	-	0	-	0	5	0,65	202	26,4	141	18,43	63	8,23	60	7,84	33	4,31	-	0	765
60-80	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	7	33,33	9	42,85	-	0	4	19,04	-	0	1	4,76	21
Total	592	29,82	590	29,72	110	5,54	74	3,72	46	2,31	232	11,68	156	7,85	63	3,17	74	3,72	33	1,66	15	0,75	1985

Outras ocorrências - Nível 0-20cm: 1 fragmento de tanga, 1 lâmina de machado; nível 20-40cm: 1 aplique, 1 fragmento de tanga.

TABELA 3

PA-JO-23: ILHA DA PONTA
(Resumo de dados da Tabela 2)

Fase Marajoara			Fase Mangueiras		Total
Níveis	Nº	%	Nº	%	Nº
0-20cm	399	100	0	0	399
20-40cm	747	95,03	39	4,96	786
40-60cm	266	36,34	466	63,66	732
60-80cm	0	0	20	100	20
Total	1412	72,89	525	27,10	1927

Livro de Tombo, o sítio é caracterizado como pertencente às fases Marajoara e Formiga, enquanto na publicação de Simões de 1967 o sítio Ilha do Fogo consta como um sítio cerimonial da fase Marajoara, sem nenhuma menção a outras fases. Ou seja, das primeiras anotações de laboratório nas fichas até a publicação dos resultados, desapareceram 3.692 fragmentos!

Observe-se ainda que no nível 90-100cm do corte 2-A, os fragmentos da fase Mangueiras (ou “provável Formiga” ou “não-Marajoara”) perfazem 67,54% do total, enquanto no nível 40-50cm do corte 2-B, são 73,24%; números expressivos o bastante para serem desprezados.

Ilha Pauxis

Esse aterro foi escavado por José Carlos Cardoso e apesar de este material ter dado entrada no Museu Goeldi ainda em 1965, e do sítio constar no mapa do relatório de Simões do mesmo ano, nenhuma menção é feita quanto a ele na publicação de 1967 ou mesmo na publicação de Simões e Araújo-Costa de 1978 – onde, além de todos os sítios pesquisados e registrados, há menção da existência de diversos sítios sem localização precisa (Simões e Araújo-Costa 1978: 106-108).

A cerâmica, no entanto, foi analisada, constando de fragmentos de vasilhas e urnas, algumas das quais foram restauradas recentemente. Segundo a classificação realizada na época, alguns fragmentos foram registrados como pertencentes à fase Marajoara (nº de Tombo 933, 946 e 947) e quatro vasos (nº de

Tombo 934, 935, 936, 942) e três urnas (nº de Tombo 941, 944 e 945) foram registrados como de “fase não-identificada” (cf. Tab. 1; Fig. 1). Duas dessas urnas continham ossos. Apesar de esse sítio não ser citado no relatório, sua localização consta do mapa anexado ao relatório de 1965 (cf. Mapa). No Livro de Tombo o material está registrado como procedente de “Ilha Pauxis, Fazenda Santa Maria, doado por José Carlos Cardoso em 1963”. Além disso, como local de procedência dentro de Ilha Pauxis constam as denominações: sítio A, sítio B e sítio C, o que sugere que o sítio pode ser um agregado de pelo menos três aterros. Além dessas peças, fragmentos e ossos, provêm também do sítio uma lâmina de machado pequena (nº de Tombo 937) e pigmento vermelho (nº de Tombo 938).

Nesse sítio, os fragmentos que não podem ser claramente relacionados à fase Marajoara mostram diferenças que não permitem enquadrá-los em nenhuma das fases, mas que possuem uma maior semelhança aos tipos simples da fase Formiga. O fato de os enterramentos estarem justamente em urnas de fase “não-identificada” torna esse sítio especialmente interessante, pois em nenhum dos sítios das fases Ananatuba, Mangueiras e Formiga pesquisados por Meggers & Evans e por Simões & Figueiredo foram encontrados enterramentos em urnas.

O antiplástico nos tipos cerâmicos

O caco moído é identificado como antiplástico predominante nas cinco fases cerâmicas da Ilha de Marajó. No entanto, outros tipos de antiplástico, como cariapé, areia e osso, têm sido constatados em fragmentos de cerâmica associados a todas as fases.⁸ Sobre o sítio PA-JO-26: Castanheira, Simões relata que:

“os cacos simples inclassificados incluem 6 temperados com osso e 29 temperados com

(8) Palmatary 1949 e Magalis 1975 fazem referência ao uso do cariapé em cerâmica da fase Marajoara. Recentemente, Canto Lopes (1999) apresentou o cariapé como antiplástico predominante em cerâmica de sítio proto-histórico no leste da Ilha (sítio PA-JO-46: Joanes).

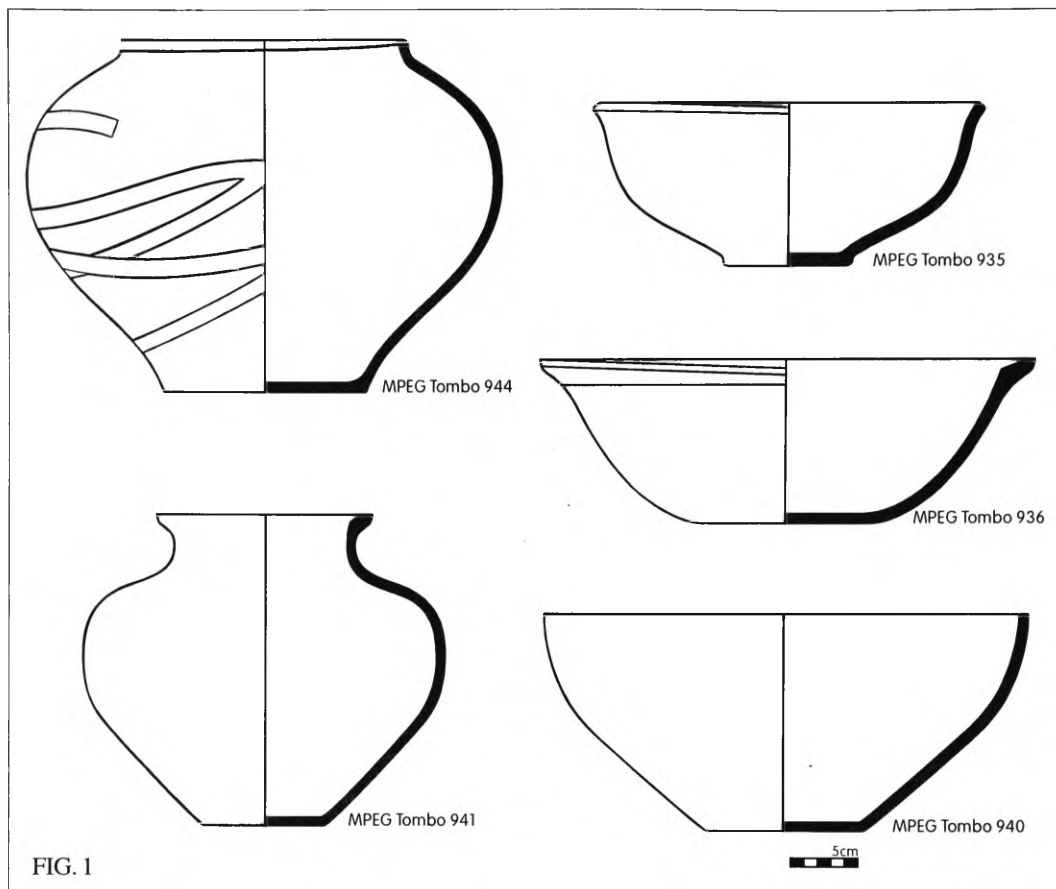


FIG. 1

areia. Os primeiros se limitam à superfície e níveis superiores e se relacionam à ocupação cabocla recente do sítio” (Simões 1969: 404).

Outros sítios, como os da fase Formiga pesquisados durante o Projeto Marajó, apresentaram também quantidades variáveis de cerâmica temperada com osso. No sítio PA-JO-31: Aterro Pelado, aparece uma porcentagem significativa de cerâmica temperada com osso no 2º nível, perfazendo 31,74% dos fragmentos do nível, enquanto, por exemplo, o tipo não-decorado predominante do nível, Formiga simples, alcança somente 26,7%. O número total de fragmentos do nível é estatisticamente significativo: 397. No terceiro nível também há a presença da cerâmica temperada com osso, em menor quantidade. No total do corte ela alcança 11,91% (cf. Tabela 7).

No sítio PA-JO-32: Cavalito Morto, também ocorre cerâmica temperada com osso no 2º e 3º

níveis, mas no total do corte atinge somente 1,11% (cf. Tabela 8).

Em PA-JO-33: São Leão, a cerâmica temperada com osso está presente nos três níveis superiores, atingindo 3,14% do número total de fragmentos (cf. Tabela 9).

Em alguns fragmentos decorados da fase Marajoara também temos constatado ocasionalmente a utilização de ossos triturados como antiplástico.

A seqüência cronológica

A partir das pesquisas realizadas no final dos anos 40, Meggers & Evans identificaram a existência de contato entre as fases Ananabuba e Mangueiras, a segunda substituindo a primeira em dois sítios (J-7 e J-10), na costa Norte, e contato entre as fases Formiga e

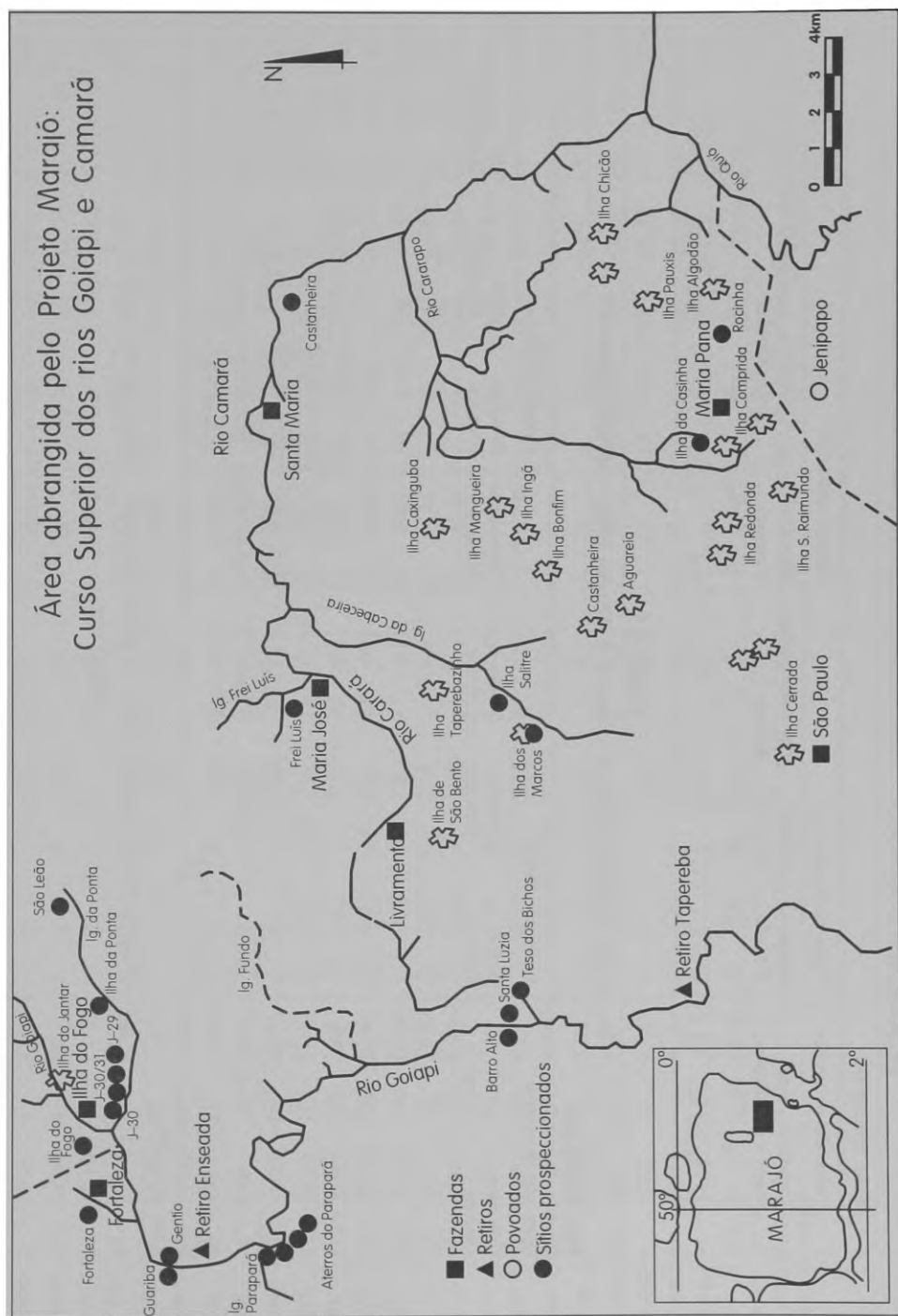


TABELA 4

PA-JO-28: ILHA DO FOGO – Coleta superficial (Simões 1965) – MPEG Tombo 967

Fase Marajoara																		
Tipos não decorados																		
Camutins simples			Inajá simples			Tipos decorados			Outras cerâmicas			TOTAL						
			Joanes Pintado			Goiapi raspado			Tipos decorados incisivos			Provável Formiga		Não classificados		TOTAL		
Nº	%	Nº	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
50	26,45	54	28,57	7	3,7	17	8,99	7	3,7	51	26,98	3	1,59	189	100,0			

TABELA 5

PA-JO-28: ILHA DO FOGO – Corte 1-A (Simões 1965) – MPEG Tombo 967

Fase Marajoara																						
Tipos não decorados																						
Camutins simples			Inajá simples			Tipos decorados			Outras cerâmicas			TOTAL										
			Joanes Pintado			Carmelo vermelho			Goiapi Raspado			Outros tipos decorados			Provável Formiga		Não Marajoara		classificada		TOTAL	
Nível	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
0-10 cm	267	38,53	340	49,06	19	2,74	11	1,59	1	0,14	28	4,04	26	3,75	-	0	1	0,14	693	100,0		
10-20 cm	103	31,79	131	40,43	15	4,63	14	4,32	14	4,32	21	6,48	17	5,25	-	0	9	2,78	324	100,0		
20-30 cm	115	27,38	168	40,0	17	4,05	14	3,33	36	8,57	16	3,81	44	10,48	-	0	10	2,38	420	100,0		
30-40 cm	63	19,15	102	31,0	6	1,82	11	3,34	58	17,63	17	5,17	62	18,84	-	0	10	3,04	329	100,0		
40-50 cm	35	12,28	84	29,47	2	0,7	7	2,46	41	14,39	18	6,32	82	28,77	-	0	16	5,61	285	100,0		
50-60 cm	15	6,94	36	16,67	-	0	6	2,78	39	18,06	7	3,24	108	50,0	-	0	5	2,31	216	100,0		
60-70 cm	30	12,55	56	23,43	-	0	5	2,09	20	8,37	2	0,84	121	50,63	-	0	5	2,1	239	100,0		
70-80 cm	69	14,97	96	20,82	-	0	-	0	-	0	9	1,95	268	58,13	-	0	19	4,12	461	100,0		
80-90 cm	61	14,59	40	9,57	-	0	4	0,96	6	1,44	1	0,24	-	0	275	65,79	31	7,42	418	100,0		
90-100 cm	86	18,74	22	4,79	-	0	-	0	6	1,31	-	0	-	0	310	67,54	35	7,63	459	100,0		
100-110cm	30	18,63	20	12,42	-	0	-	0	-	0	1	0,62	-	0	103	63,98	7	4,35	161	100,0		
110-120cm	11	17,46	8	12,7	5	7,94	2	3,17	-	0	-	0	-	0	36	57,14	1	1,59	63	100,0		
120-130cm	7	16,67	4	9,52	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	26	61,9	5	11,9	42	100,0		
Total	892	21,7	1107	26,93	64	1,56	74	1,8	221	5,38	120	2,92	728	17,71	750	18,25	154	3,75	4110	100,0		

Outras ocorrências - Nível 0-10cm: 3 fragmentos de tangas, 1 aplique; nível 10-20cm: 1 fragmentos de tanga; nível 30-40cm: ossos.

TABELA 6
PA-JO-28: ILHA DO FOGO – Corte 2-B (Simões 1965) – MPEG Tombo 968

Nível		Fase Marajoara												TOTAL						
		Tipos não decorados				Tipos decorados				Outras cerâmicas				TOTAL						
Camutins simples		Inajá simples		Joanes Pintado	Carmelo vermelho	Goiapi Raspado	Outros tipos decorados		Tempero de areia ou osso		Não Marajoara		Não classificada							
Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%					
0-10 cm	117,19,67	195	32,8	35	5,9	8	1,34	28	4,71	9	1,51	-	0	194	32,6	9	1,51	595	100,0	
10-20 cm	67	15,58	111	25,81	6	1,4	25	5,81	28	6,51	6	1,4	-	0	173	40,23	14	3,25	430	100,0
20-30 cm	42	10,1	71	17,1	2	0,48	5	1,2	34	8,17	5	1,2	-	0	243	58,41	14	3,36	416	100,0
30-40 cm	39	8,04	68	14,02	2	0,41	10	2,06	33	6,8	7	1,44	-	0	311	64,12	15	3,1	485	100,0
40-50 cm	19	5,35	30	8,45	1	0,28	9	2,53	19	5,35	1	0,28	-	0	260	73,24	16	4,51	355	100,0
50-60 cm	11	5,76	14	7,33	2	1,05	9	4,71	6	3,14	-	0	-	0	139	72,8	10	5,24	191	100,0
60-70 cm	30	12,5	29	12,1	-	0	9	3,75	6	2,5	1	0,42	18	7,5	130	54,17	17	7,08	240	100,0
70-80 cm	33	11,54	25	8,74	-	0	10	3,5	15	5,24	-	0	-	0	190	66,43	13	4,54	286	100,0
80-90 cm	28	10,14	11	3,98	-	0	1	0,36	-	0	-	0	9	3,26	210	76,1	17	6,16	276	100,0
90-100 cm	22	9,91	12	5,4	-	0	-	0	2	0,9	-	0	10	4,5	152	68,47	24	10,81	222	100,0
100-110cm	4	3,51	1	0,88	-	0	2	1,75	1	0,88	-	0	13	11,4	78	68,42	15	13,16	114	100,0
110-120cm	4	10,81	-	0	2	5,4	-	0	-	0	-	0	-	0	22	59,46	9	24,32	37	100,0
120-130cm	7	35,0	1	5,0	-	0	2	10,0	-	0	-	0	-	0	10	50,0	-	0	20	100,0
Total	423	11,53	568	15,49	50	1,36	90	2,45	172	4,7	29	0,79	50	1,36	2112	57,59	173	4,72	3667	100,0

Outras ocorrências - Nível 0-10cm: 4 fragmentos de tanga; nível 20-30cm: 1 fragmento de tanga; nível 30-40cm: 6 fragmentos de tanga; nível 60-70cm: 2 fragmentos de tanga.

TABELA 7
PA-JO-31: ATERRO PELADO – Corte único (Simões, 1965) MPEG/Tombo 971

Fase Marajoara														
Fase Formiga			Tipos não decorados				Tipos decorados				Outras cerâmicas			
Formiga simples			Embaúba simples		Coroca simples		Camutins simples		Temporo de osso		Não classificada		TOTAL	
Nível	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
0-15 cm	155	25,53	249	41,02	176	28,99	10	1,64	-	0	-	0	17	2,8
15-30 cm	106	26,7	61	15,36	86	21,66	-	0	-	0	-	0	126	31,74
30-45 cm	52	59,77	-	0	2	2,3	1	1,15	26	29,88	4	4,6	2	2,3
Total	313	28,69	310	28,41	264	24,2	11	1	26	2,38	130	11,91	37	3,39

Outras ocorrências - Nível 0-15cm: 4 fragmentos de tangas; nível 15-30cm: 2 fragmentos de tangas.

TABELA 8
PA-JO-32: CAVALO MORTO – Corte único (Simões, 1965) – MPEG/Tombo 1058

Fase Formiga														
Tipos não decorados			Tipos decorados				Outras cerâmicas				TOTAL			
Formiga simples			Embaúba simples		Coroca simples		Saúba escovado		Pseudo-cipó inciso		Decorada não classificada		Temporo de osso	
Nível	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
0-15 cm	325	36,27	160	17,85	358	39,95	36	4,02	4	0,45	13	1,45	-	0
15-30 cm	203	43,47	57	12,2	150	32,12	26	5,57	6	1,28	9	1,92	16	3,43
30-45 cm	38	36,19	6	5,71	55	52,38	3	2,86	-	0	2	1,9	1	0,95
45-60 cm	30	44,12	2	2,94	30	44,12	5	7,35	-	0	1	1,47	-	0
Total	596	38,8	225	14,65	593	38,6	70	4,56	10	0,65	25	1,63	17	1,11

Outras ocorrências - Nível 0-15cm: 3 fragmentos de tangas.

TABELA 9
PA-JO-33:SÃO LEÃO – Corte único (Simões, 1965) MPEG/Tombo 1059

		Fase Formiga												Outras cerâmicas														
		Tipos não decorados			Tipos decorados			Tipos não decorados			Tipos decorados			Tempero de osso		Decorada		TOTAL										
Nível	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%								
0-15 cm	140	24,35	109	18,96	188	32,69	22	3,83	-	0	-	0	19	3,3	29	5,04	25	4,35	9	1,56	5	0,87	12	2,1	17	2,96	575	100,0
15-30 cm	244	24,25	122	12,13	354	35,19	41	4,07	1	0,1	70	6,96	-	0	96	9,54	6	0,6	4	0,4	6	0,6	39	3,88	23	2,29	1006	100,0
30-45 cm	27	38,57	8	11,43	31	44,28	1	1,43	2	2,86	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	1	1,43	-	0	70	100,0
45-60 cm	-	0	-	0	2	50	-	0	-	0	2	50	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	4	100,0
Total	411	24,83	239	14,44	575	34,74	64	3,87	3	0,18	72	4,35	19	1,15	125	7,55	31	1,87	13	0,78	11	0,52	52	3,14	40	2,41	1655	100,0

Outras ocorrências - Nível 0-15cm: 4 fragmentos de tangas; nível 15-30cm: 2 fragmentos de tangas.

Marajoara, essa última também tomando os locais ocupados pela anterior. Nenhuma “*conexão estratigráfica*” (Meggers & Evans 1957: 408) foi encontrada pelos autores entre as fases Formiga e Mangueiras ou entre Marajoara e Mangueiras. Mesmo assim, segundo as primeiras estimativas dos autores na época, baseados na cronologia relativa construída entre os sítios através da análise cerâmica, o final da Fase Mangueiras estaria próximo ao início da Fase Formiga e, portanto, também ao da Marajoara (Meggers & Evans 1957: 590, fig.205). A partir de hipóteses construídas sobre a duração do período de ocupação dos sítios, a construção da cronologia relativa e o fato de a Fase Aruã ser considerada proto-histórica, os autores concluíram que a ocupação da Ilha por todas as fases – Ananatuba, Mangueiras, Formiga, Marajoara e Aruã – teria durado cerca de 800 anos, com início de Ananatuba em 700 d.C.

Entretanto, após terem sido processadas as primeiras datações absolutas, a partir das amostras de carvão coletadas durante o Projeto Marajó, ampliou-se cronologicamente o período de ocupação pré-histórica na Ilha. A pesquisa no sítio Castanheira, além de estender a área de dispersão das fases Ananatuba e Mangueiras para a região sudeste da Ilha, proporcionou a primeira e única datação absoluta para o momento de contato entre essas duas fases – 980 ± 200 a.C. (SI-386), através do carvão recolhido no corte A, nível 50-60cm (Simões 1969: 403). Além disso, Simões obteve datas antigas para o que poderia ser o início Fase Marajoara: 480 ± 200 d.C. (SI-386) e 580 ± 200 d.C. (SI-387) no sítio PA-JO-36: Frei Luiz. Como a fase Mangueiras teria tido uma curta duração e, além disso, era parcialmente contemporânea com Ananatuba, sua distância diacrônica com relação à Fase Marajoara poderia chegar a ser de 1.000 anos.

Na década de 80, Meggers & Danon (1988) dataram vários fragmentos de cerâmica, representando todas as fases de Marajó, pelo processo de termoluminescência da cerâmica. A combinação entre as datas produzidas pela cerâmica e as datações de radiocarbono obtidas em escavações (dados de Simões e Roosevelt) desenhou um quadro cronológico bem mais preciso para o início e final de cada

uma das fases (cf. Quadro 2). Segundo esses dados combinados, observa-se, então, a existência de um hiato entre o final da fase Mangueiras e o início da fase Formiga (antecessora da Marajoara), que pode chegar a 800 anos (Meggers & Danon, 1988:249). Durante esse período, segundo os autores, que adicionam dados climáticos e palinológicos ao quadro, teria havido um período de aridez onde os recursos disponíveis à subsistência teriam diminuído drasticamente, o que poderia ter levado ao abandono da Ilha ou ao desmembramento das comunidades que subsistiram em pequenos grupos de caçadores-coletores nômades, pelo menos em determinadas épocas do ano (op.cit:251-2).

Entendendo a “*linguagem da cerâmica*”

A pesquisa que resultou no presente artigo iniciou-se ao acaso, enquanto fazíamos um levantamento nos registros das coleções de cerâmica da fase Marajoara que haviam procedido de escavações, na Reserva Técnica Arqueológica do Museu Paraense Emílio Goeldi. A constatação de que no sítio PA-JO-23: Ilha da Ponta, havia cerâmica das fases Mangueiras e Marajoara coexistindo nos mesmos níveis, nos levou do Livro de Tombo às fichas de sítios, relatórios e artigos publicados, que revelaram a existência de dados discordantes entre as fontes e nunca reportados à comunidade científica. Como resultado, ficamos frente à tarefa a qual Simões se furtou há 35 anos: explicar a contemporaneidade entre as fases Mangueiras e Marajoara, identificadas em dois sítios da região pesquisada pelo Projeto Marajó.⁹

Examinamos uma amostra do material dos sítios Ilha da Ponta e Ilha do Fogo, que atingiu cerca de 10% dos fragmentos de todos os

(9) O projeto Marajó não teve o mérito de, pela primeira vez, ter identificado contemporaneidade entre as fases Mangueiras e Marajoara. Meggers e Evans identificaram a presença de fragmentos de tangas vermelhas da fase Marajoara em “níveis perturbados” no sítio PA-JO-17: Flor do Anajás (fase Mangueiras), mas essa ocorrência não foi considerada indicação de contato.

QUADRO 2

Datações absolutas para as fases arqueológicas da Ilha de Marajó (Radiocarbono e Termoluminescência da Cerâmica)

Datas/ nº laboratório	FASES ARQUEOLÓGICAS				
	Ananatuba	Mangueiras	Formiga	Marajoara	Aruã
1460 AC (TL-18)	J-26				
1450 AC (TL-34)	J-7				
1182 AC (TL-80)	J-26				
1110 AC (TL-79)	J-26				
1090 AC (TL-69)		J-26			
1062 AC (TL-81)		J-26			
1050 AC (TL-47)		J-10			
980 AC (C14/SI-385)*	J-26	J-26			
920 AC (TL-76)		J-26			
Suposto hiato entre 920 AC e 70 AC (Meggers & Danon 1988)					
70 AC (C14/SI-202)*				J-21	
10 DC (TL-125)			J-32		
88 DC (TL-127)			J-32		
97 DC (TL-132)			J-33	(J-33)	
220 DC (TL-161)				J-36	
245 DC (TL-126)			J-32		
290 DC (TL-117)			J-29		
320 DC (TL-130)			J-33		
380 DC (TL-131)			J-33		
400 DC (TL-120)			J-30		
480 DC (C14/SI-386)*				J-36	
580 DC (C14/SI-387)*				J-36	
610 DC (TL)			J-6		
615 DC (C14/GX-16061)				J-14	
690 DC (C14/SI-199)*				J-21	
695 DC (C14/GX-16075)				J-21	
750 DC (TL)			J-6		
837 DC (TL)			J-6		
890 DC (C14/GX-16063)				J-14	
1150 DC (TL-88)					?
1195 DC (C14/GX-16066)				J-21	
1275 DC (C14/GX-16061)				J-14	
1320 DC (TL-48)				J-21	
1350 DC (TL)					?

Fonte: As datas TL são de Meggers & Danon (1988:248); as datas de C14* são de Simões (1969:402 e em Roosevelt 1991:313-314); as demais são de Roosevelt (op.cit.).
"?" foi usado por não haver informação sobre o sítio a que pertencia a amostra cerâmica.

níveis, apenas para confirmar a análise feita em laboratório na época do projeto Marajó. O material de Ilha do Fogo e de Ilha da Ponta de 1965 foi guardado separadamente por nível e por tipo cerâmico e nossa análise confirma a classificação feita: de acordo com a classificação tipológica construída por Meggers & Evans (1957) para a cerâmica das fases Mangueiras e Marajoara, há coexistência das duas fases nos níveis 20-40cm e 40-60cm em Ilha da Ponta, com um total de 27,10% de fragmentos da fase Mangueiras em todo o corte (cf. Tab.3). Quanto à Ilha do Fogo, a situação é um pouco diferente. O material é muito fragmentado e a análise depende basicamente do exame da pasta cerâmica, onde identificam-se em geral fragmentos que seriam da fase Mangueiras e em menor frequência fragmentos que pertenceriam à fase Formiga. A cerâmica, em geral, não-Marajoara atinge um total de 35,96% no corte A-1 e 57,59% no corte B-2 (cf. Tabs. 5 e 6).

Nas fichas do sítio Ilha do Fogo, onde foram anotados os resultados das análises de laboratório, os fragmentos “não-Marajoara” aparecem claramente como Mangueiras. Nas outras fontes de registros aparecem como “provável Formiga”, “não-Marajoara” ou “Formiga”. Isso se deve ao fato de que a contemporaneidade da fase Formiga com Marajoara era possível segundo o modelo de sucessão diacrônica das fases da floresta tropical e, portanto, era considerado mais provável que uma fase não-Marajoara, encontrada juntamente com cerâmica Marajoara, fosse pertencente à fase Formiga.

O fato de o sítio Ilha Pauxis ter sido totalmente ignorado nas publicações não pode ser explicado pelo fato de esse sítio ter sido escavado por José Carlos Cardoso. Afinal, o sítio PA-JO-26: Castanheira, que forneceu a única data radiocarbônica para a fase Ananatura também foi escavado por Cardoso, sem a participação dos pesquisadores do Museu Goelú e da Universidade Federal do Pará. A cerâmica de Ilha Pauxis possui formas diferentes das demais fases, mas é temperada com caco moído e possui pasta que, em algumas peças (T.940, T.947) pode ser considerada semelhante à da fase Formiga. No entanto, no conjunto, a cerâmica de Ilha Pauxis aparece como algo totalmente diferente do que até

então era conhecido para a região, principalmente considerando-se as formas e o tipo de decoração pintada (identificada em apenas uma vasilha). Além disso, esse sítio apresenta enterramento secundário em urnas, que até então não tinha sido identificado para as fases Ananatura, Mangueiras e Formiga.

Aparentemente, os dados acima expostos significam que a fase Mangueiras, sendo parcialmente contemporânea às fases Ananatura e Marajoara, possui uma duração superior a 1.000 anos, sendo, portanto, provável que se encontrem sítios dessa fase que venham a preencher o “hiato” (baseado em evidências negativas) que é mostrado no Quadro 2. Ilha Pauxis, por outro lado, seria uma sexta fase, pelo menos parcialmente contemporânea à fase Marajoara, ainda não estudada, e à espera de datação.

Vale lembrar que a metodologia de pesquisa utilizada por Meggers & Evans baseava-se em duas hipóteses nunca comprovadas: 1) de que os sítios encontrados na Ilha seriam típicos das “culturas de floresta tropical” (Meggers & Evans 1957: 18), portanto com agricultura pouco eficiente, dependentes dos recursos florestais e aquáticos, de estilo de vida semi-sedentário, e com organização social simples (sem concentração de poder, divisão do trabalho ou desigualdade social) e 2) de que não havia sentido em estudar a estratigrafia já que os sítios seriam “tipicamente pequenos e pouco profundos... com estratigrafia natural limitada e sem restos arquitetônicos sobreviventes, como paredes ou pisos” e os artefatos, sendo constituídos quase que exclusivamente de cacos de cerâmica, não compensavam o esforço de uma “escavação intensiva” (Evans & Meggers 1965: viii).

As poucas referências sobre camadas estratigráficas nos registros do Projeto Marajó atestam a existência de camadas distintas, que deveriam ter sido consideradas quando da coleta de fragmentos para as seriações, proporcionando maior confiabilidade ao método. Além disso, o fato de na maioria dos casos não ter sido feito nenhum comentário sobre a estratigrafia, levanta dúvidas a respeito da confiabilidade dos depósitos trabalhados. Podemos, a partir de nossa própria experiência de pesquisa na Ilha de Marajó –

escavamos sete sítios recentemente no rio Anajás¹⁰ (Schaan 1999) – afirmar que é possível identificar camadas arqueológicas distintas relacionadas a diferentes intensidades de ocupação e uso diferencial do espaço; que diferentes áreas escavadas dentro de um mesmo sítio mostram diferenças importantes no tipo e quantidade de artefatos encontrados; e que é possível distinguir claramente depósitos bem preservados de depósitos onde as camadas sofreram distúrbios, antrópicos ou naturais.

Um rápido exame da literatura arqueológica brasileira da década de 1990 permite observar que a “crença” na impossibilidade de distinguir-se camadas estratigráficas acabou juntamente com o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas/PRONAPA e sua versão amazônica, o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica/PRONAPABA. A utilização das seriações dos tipos cerâmicos como forma de inferir duração, tamanho, contemporaneidade e reocupação em sítios nas terras baixas amazônicas tem sido seriamente criticada (Raymond 1995; DeBoer, Kintigh e Rostoker 1996) e à medida que novas pesquisas arqueológicas desenvolvem-se na Amazônia, os modelos generalizantes começam a ser postos em cheque (ver Heckenberger, Petersen e Neves 1999).

Vimos somar aos dados aqui apresentados aqueles coletados durante nossas pesquisas, atualmente em andamento. Basicamente o que pretendemos demonstrar é que há uma variabilidade de formas de ocupação do espaço fisiográfico e organização social na pré-história da Ilha de Marajó da qual o modelo anteriormente utilizado não pode dar conta. Citamos como exemplo:

1) Meggers & Evans (1957: 246)

concluem que a fase Ananatuba caracteriza-se por ocupar região de floresta preferencialmente, e que a proximidade do campo é mais importante do que a proximidade a um curso d’água navegável. No entanto, o

sítio Ananatuba escavado pelo projeto Marajó (PA-JO-26: Castanheira) localiza-se no campo, junto ao médio rio Camará, que deságua na Baía de Marajó e é navegável. Por outro lado, um dos sítios escavados por nós, PA-JO-50: Rio Branco, localiza-se em zona de floresta, à margem esquerda do rio Anajás, um dos maiores rios do centro da Ilha, navegável em todo seu curso. O sítio Rio Branco fica a mais de 20km de distância do campo e, enquanto em nenhum dos sítios Ananatuba pesquisados anteriormente foram encontrados enterramentos, no sítio Rio Branco encontramos dois enterramentos em urnas.

2) Os sítios da fase Marajoara escavados por Meggers e Evans (1957): PA-JO-14: Monte Carmelo e PA-JO-15: Camutins; e por Roosevelt (1991): Guajará (aterro de PA-JO-14: Monte Carmelo) e PA-JO-21: Teso dos Bichos, foram considerados como sítios típicos da fase Marajoara. Os autores basearam suas conclusões (sem entrar no mérito das diferenças radicais entre as duas abordagens) também nas evidências disponíveis para outros sítios da fase, a grande maioria deles, aterros construídos artificialmente, localizados na região dos campos, contendo cerâmica cerimonial e funerária. No entanto, os aterros são apenas parte – ainda que fundamental – da história da fase Marajoara. Quatro sítios dessa fase, recentemente escavados, localizam-se às margens do rio Anajás, dentro de um trecho de 5km, no centro da Ilha, em zona de floresta, sobre elevações naturais do terreno. Não há indício de construção artificial nem de relação clara entre os sítios, que mostram diferenças marcantes na cultura material e nas formas de ocupação do espaço intrasítio (Schaan 1998, 1999).

As fases arqueológicas identificadas por Meggers e Evans foram concebidas como demarcadoras de culturas distintas. Enquanto Ananatuba foi incluída na tradição hachuradozonada, Mangueiras na borda-incisa e Marajoara na policrômica, a fase Formiga não foi relacionada a nenhuma tradição maior. Fundamentalmente, percebe-se que o método de classificação considerou as fases como não-

(10) PA-JO-49: Cacoal, PA-JO-51: Sapará, PA-JO-52: Casinha e PA-JO-55: Leal, da fase Marajoara; PA-JO-50: Rio Branco, da fase Ananatuba; PA-JO-53: Vista Alegre, PA-JO-54: São Benedito, até agora não classificados em nenhuma das fases previamente definidas.

relacionadas *a priori*. No entanto, todas as fases ocupam os mesmos ecossistemas, compartilham semelhanças na tecnologia cerâmica: nas formas de vasilhames, nas técnicas decorativas, nos designs. Além disso todas usam o caco moído com antiplástico, uma característica que não é comum em outras cerâmicas da foz do Amazonas. Basicamente, o uso do caco moído como antiplástico, o engobo e a técnica da escovação das paredes externas das vasilhas surge com a fase Ananatuba e perdura até a fase Marajoara.

O “tipo diagnóstico” da fase Ananatuba, *sipó inciso*, se apresenta em frequências muito pequenas nos sítios pesquisados – 0,5% em PA-JO-9; 1% em PA-JO-10 e 3% em PA-JO-7. Talvez por isso não seja coincidência o fato de PA-JO-7 ser justamente o sítio onde há coexistência entre as fases Ananatuba e Mangueiras, quando Mangueiras começa a “copiar” o tipo inciso Ananatuba. Os tipos incisos são tão semelhantes que Meggers & Evans chamaram tanto o inciso da fase Mangueiras quanto o da fase Formiga de Pseudo-sipó inciso, nome dado inicialmente ao tipo inciso da fase Ananatuba, chamando-os de “*Pseudo-sipó inciso variação Mangueiras*” e “*Pseudo-sipó inciso variação Formiga*”, uma vez que teriam copiado ou sofrido influência da fase Ananatuba.

“Este tipo [Sipó inciso] foi assim chamado para enfatizar o fato de que os motivos são idênticos àqueles do Sipó inciso da fase Ananatuba. Se distingue somente por ser aplicado à Mangueiras simples ou Anjos simples, mostrando que representa a adoção e perpetuação desta técnica decorativa alienígena pelo povo da fase Mangueiras” (Meggers e Evans 1957: 218-9).

Uma análise dos tipos decorados nos leva a perceber que existe uma continuidade das técnicas decorativas utilizadas em todas as fases. Os tipos escovados são, em geral, bastante semelhantes: deixando-se de examinar a cor da pasta, muitas vezes podem ser encontradas diferenças mais significativas entre fragmentos com decoração escovada de uma mesma fase do que entre fragmentos de fases diferentes. Dentre todas as decorações, os tipos escovados atingem frequências mais altas na fase Mangueiras, mas não é possível,

pelo exame da superfície dos fragmentos, distinguir entre a técnica de escovação desta fase para as outras. Além disso, os tipos Bacuri escovado e pseudo-sipó inciso da fase Mangueiras são feitos nas mesmas formas que são feitos na fase Ananatuba, só mudando, portanto, a pasta, no exame da qual a característica distintiva é a cor do núcleo.

Espera-se que a coloração do núcleo dos fragmentos cerâmicos seja consequência dos procedimentos técnicos utilizados pelo ceramista para o processo de queima dos vasilhames. Considera-se que contumazes ceramistas no passado tenham criado, reproduzido e perpetuado procedimentos técnicos para a realização de uma queima bem feita e rentável, o que se pode traduzir em vasilhames resistentes e minimização de custos com material combustível e tempo despendido por peça. Como resultado do processo de reprodução de procedimentos técnicos durante várias gerações, pode-se identificar no registro arqueológico através do estudo da cerâmica a manutenção e reprodução de uma determinada técnica de produzir cerâmica. Que isso seja chamado de fase pode fazer sentido, mas não é lógico que as fases sejam identificadas com diferentes culturas e que essas culturas correspondam a diferentes grupos sociais. Não há razão para que se considere que uma técnica ou um estilo *tomado isoladamente* defina uma cultura, como se a cultura pudesse ser reduzida a uma de suas dimensões e fosse homogênea e imutável; e ainda que à sociedade corresponda uma só cultura, e que, portanto, cultura e sociedade possam ser definidas dentro dos mesmos limites.

Em vista dos dados coletados pelo Projeto Marajó, é necessário avaliar as semelhanças e diferenças entre a cerâmica das fases Mangueiras e Marajoara. As duas fases têm dois tipos “simples”: um com núcleo alaranjado e outro com núcleo de cor escura (cinza, preto ou marrom). Anjos simples (fase Mangueiras) e Camutins simples (fase Marajoara) têm núcleo claro, alaranjado, mas Anjos tem uma pasta mais fina, melhor misturada, de cor mais frequentemente ocre, enquanto Camutins tem uma pasta de mistura mais grosseira, de uma cor alaranjada forte, mostrando uma clivagem em ângulos bem pronunciados. Fragmentos

típicos desses tipos, examinados à lupa, são caracteristicamente distintos. No entanto, examinamos muitos fragmentos de cerâmica Marajoara decorada (bastante elaborada) com pasta tipicamente... Anjos simples!

Entendemos que as diferenças na queima da cerâmica indicam diferentes procedimentos técnicos, cujos efeitos não são totalmente controlados pelo ceramista, e não definem obrigatoriamente diferentes culturas ou grupos sociais na acepção dada por Meggers & Evans. O problema é que a coleta dos fragmentos de cerâmica durante o projeto Marajó foi feita seguindo um procedimento que não admite outras leituras. Por isso, dificilmente um reestudo da cerâmica proveniente das pesquisas anteriores poderia dar um bom resultado ou esclarecer os muitos pontos obscuros. Além dos problemas assinalados relativos aos métodos de escavação, a cerâmica proveniente de campo é, em geral, muito fragmentada e, em alguns casos, não foi guardada obedecendo aos critérios de sua procedência, mas segundo sua classificação em tipos cerâmicos, o que para alguns sítios torna inviável aplicar uma metodologia diferente de análise.

Não pretendemos afirmar que não existem diferenças entre as supostas fases. Com base nas evidências que se possui até o momento, pode-se considerar cada fase como diferentes estilos de fazer cerâmica. A coexistência parcial ou total de algumas destas populações com seu estilo próprio de fazer cerâmica levou ao compartilhamento de procedimentos técnicos e à ocorrência de influências mútuas entre elas. As poucas datações absolutas que se possuem para as três primeiras fases cerâmicas da Ilha não são conclusivas sobre sua duração, início e fim, pois baseiam-se em material coletado em alguns poucos sítios. Os dados disponíveis constituem-se basicamente na descrição de tipos cerâmicos e seriações, além de estimativas sobre o tamanho dos sítios. A aplicação dessas técnicas buscou produzir dados comparáveis de tal maneira que uniformizou o registro arqueológico fechando os olhos para especificidades e variações que não estivessem previstas no modelo. Ou seja, a metodologia de trabalho trazia implícitas as conclusões da pesquisa. Consideramos que não é possível entender o registro arqueológico

co dessa maneira e que a provável grande duração da fase Mangueiras (ou a menor distância entre as fases Ananatuba e Marajoara) não pode ser explicada dentro do antigo paradigma. Por outro lado, os dados estritos produzidos pelas pesquisas anteriores não permitem interpretações diferentes, pois estão amarrados a hipóteses de pesquisa que não se sustentam frente às novas evidências.

Entendemos que os novos dados aqui apresentados e as questões levantadas, ainda que de maneira preliminar, não apenas questionam a validade da seqüência cultural apresentada por Meggers & Evans para a Ilha de Marajó mas demonstram a fragilidade da construção tipológica cerâmica até então utilizada para a identificação e caracterização de culturas pré-históricas distintas na área. A partir desse novo quadro fica claro que as pesquisas relativas à ocupação pré-histórica da Ilha de Marajó deverão orientar-se no sentido de questionar a validade do modelo de sucessão diacrônica das Fases da Floresta Tropical, não só em função de sua relação espaço-temporal mas inclusive questionando as bases teóricas sobre as quais ele constituiu-se.

Considerações finais

A fase de pesquisas arqueológicas na Ilha que se encerra com o projeto Marajó ilustra uma abordagem do registro arqueológico em que toda a explicação derivava simplesmente do estudo de fragmentos cerâmicos, tidos como demarcadores culturais e temporais que podiam ser lidos do ponto de vista de algumas de suas características técnicas e suas quantidades. Essas características não eram relacionadas com nenhuma outra evidência material ou feição arqueológica dentro dos sítios pesquisados. Considerava-se, desta maneira: 1) o sítio arqueológico como um espaço homogeneamente ocupado, por onde os itens componentes da cultura material (cerâmica) espalhavam-se indistintamente; 2) que todos os sítios que exibiam os mesmos tipos cerâmicos básicos, agrupados sob a denominação de "fase cerâmica", faziam parte de uma mesma etnia/cultura e, conseqüentemente, indicavam a existência de populações que possuíam as

mesmas estratégias de subsistência; 3) que a mudança de características tecnológicas através do tempo obedecia uma razão constante e homogênea para todos os sítios; 4) que os sítios não eram totalmente contemporâneos e que representavam episódios de reocupação dada a mobilidade dos grupos sociais em função dos recursos naturais.

Nossa crítica a esse modelo de pesquisa não se refere simplesmente à sua abordagem no estudo da cerâmica, mas à concepção subjacente a ele a respeito do significado da cerâmica enquanto fonte de dados sobre as sociedades e culturas arqueológicas. A cerâmica é uma das mais importantes fontes de dados para os sítios amazônicos dadas suas características de perenidade dentro do ambiente úmido da floresta tropical, mas não pode ser entendida fora do seu contexto de deposição. Isso significa dizer que deve ser relacionada com feições arqueológicas e com as diferentes áreas de atividade e organização do espaço intrasítio, dados estes que somente podem ser obtidos através de uma escavação que envolva: estudo de camadas estratigráficas – seu processo de formação, sua composição e sua distribuição diferencial diacrônica e sincrônica no sítio –, estudos de composição química e mineralógica do solo, estudos de remanescentes de fauna e flora, plotagem e registro gráfico da distribuição de objetos da cultura material através do sítio, estudo e registro gráfico horizontal e vertical de feições arqueológicas etc..

Afirmamos que os fragmentos cerâmicos não têm distribuição homogênea, mas diferencial sobre o sítio. Dada a existência de diferentes áreas, relacionadas a atividades específicas – descarte, preparação de alimentos, manufatura de artefatos, circulação, performances rituais etc. – os contextos deposicionais devem ser estudados para a reconstituição das áreas de produção, uso e descarte dos objetos.

Além disso, que a presença de determinado tipo de cerâmica não é o reflexo direto da existência de determinado tipo de organização social e utilização do espaço físico. O que significa dizer que o estudo de um único sítio ou pequeno número deles não autoriza o arqueólogo a concluir que em todos os sítios

onde for encontrado o mesmo tipo de cerâmica encontrar-se-ão também todas as demais características relacionadas a ela nos sítios previamente pesquisados. Disso decorre que, se antes, a abertura de um ou dois poços-teste em uma meia dúzia de sítios fornecia material para o entendimento do processo de ocupação humana de uma grande área geográfica, hoje a escavação da mesma quantidade de depósitos em um só sítio nos fala ainda pouco sobre o sítio e menos ainda sobre sua inserção em um contexto regional.

Ao lado do estudo metuculoso de sítios arqueológicos, os levantamentos e estudos regionais são extremamente importantes e são cada vez mais reconhecidos como necessários na medida em que fica claro que complexas redes de trocas e intercâmbios culturais regionais ligavam as sociedades humanas pré-históricas. Esses estudos requerem planejamento da pesquisa e metodologias específicas – prospecções regionais que combinem técnicas de amostragem probabilística adequadas às perguntas da pesquisa, construções de tipologias de sítios e artefatos, estudos de variabilidade e dispersão de feições arqueológicas, levantamento de informações sobre a distribuição espacial dos sítios e monitoramento e análise dos dados em um sistema de informação geográfica. Nesse sentido, os artefatos constituem-se em *um dos* segmentos geradores de informação, que devem ser estudados dentro do contexto particular de sua ocorrência e em uma perspectiva regional.

Por todos os motivos acima expostos, consideramos que, ainda que os estudos com material proveniente de antigas pesquisas possa ser importante, as novas questões que ora se colocam para a arqueologia da Ilha de Marajó, e por extensão a toda a arqueologia amazônica, certamente só poderão ser respondidas a partir do desenvolvimento de novas pesquisas, orientadas segundo um enfoque teórico-metodológico que seja consistente com os problemas colocados.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer ao CNPq pela concessão da Bolsa de Desenvolvimento

Científico Regional, que possibilitou a realização desse trabalho; à Curadora da Reserva Técnica Arqueológica do Museu Goeldi, Vera Guapindaia, e aos técnicos Regina Farias e Raul Ivan Campos pelas facilidades de acesso ao acervo e registros sobre o Projeto Marajó;

ao técnico da Área de Arqueologia do Museu Goeldi, Raimundo Teodório dos Santos pela restauração das vasilhas de Ilha Pauxis; e a Julice Pimentel, bolsista do PIBIC/CNPq, pelos desenhos das peças de cerâmica que ilustram esse artigo.

SCHAAN, D.P. The unpublished data of the Marajo project (1962-1965). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 11: 141-164, 2001.

ABSTRACT: During the 1960's, the Marajo project recorded and studied nineteen new archaeological sites on the southeastern portion of Marajo Island, aiming to increase, by employing the PRONAPABA's methodology, the data that supported the basis for the Tropical Forest Phases model proposed by Meggers and Evans (1957). Nevertheless, not all the results conformed to the researches' expectations and as a result, some important data was never published. In this article, I compare the published material to the field and laboratory reports (site files and records of artifacts at the Museu Paraense Emílio Goeldi), discussing the validity of the model used for the definition of ceramic cultures on Marajo Island.

UNITERMS: Marajo archaeology – Tropical Forest Phases – Ceramic cultures.

Referências bibliográficas

- DEBOER, W.; KINTIGH, K.; ROSTOKER, A.
1996 Ceramic seriation and site reoccupation in lowland South America. *Latin American Antiquity*, 7 (3): 263-278.
- EVANS, C.; MEGGERS, B.
1965 *Guia para prospecção arqueológica no Brasil*. Guia nº 2. CNPq/MPEG, Belém.
- FIGUEIREDO, N.
1963 Projeto Marajó. Relatório de Excursão. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. Ms. inédito.
1964 Projeto Marajó. Relatório de Excursão. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Ms. inédito.
- FIGUEIREDO, N.; SIMÕES, M.
1963 Contribuição à arqueologia da Fase Marajoara. *Revista do Museu Paulista (NS)*, XIV: 455-474.
- HECKENBERGER, M.; PETERSON, J.; NEVES, E.
1999 Village size and permanence in Amazonia: two archaeological examples from Brazil. *Latin American Antiquity*, 10 (4): 353-376.
- HILBERT, P.P.
1952 *Contribuição à arqueologia da Ilha de Marajó. Os "tesos" Marajoara do alto Camutins e a atual situação da Ilha do Pacoval, no Arari*. Belém: Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, Publ. Nº 5.
- LOPES, P.C.
1999 *A colonização portuguesa da Ilha de Marajó: espaço e contexto arqueológico-histórico na Missão Religiosa de Joanes*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- MEGGER, B.; EVANS, C.
1957 *Archaeological investigations at the mouth of the Amazon*. Washington: Gov. Print Office.
- MEGGER, B.; DANON, J.
1988 Identification and Implications of a hiatus in the archeological sequence on Marajo Island, Brazil. *Journal of Washington Academy of Sciences*, 78 (3): 245-253.

- PALMATARY, H.C.
1949 The pottery of Marajó Island, Brazil. *Transactions of the American Philosophical Society*, 39 (3) Philadelphia: 261-470.
- RAYMOND, J.S.
1995 From potsherds to pots: a first step in constructing cultural context from tropical forest archaeology. *Archaeology in the lowland American tropics*. Cambridge, Cambridge University Press: 224-242.
- ROOSEVELT, A.C.
1991 *Moundbuilders of the amazon. Geophysical archaeology on Marajo Island, Brazil*. New York: Academic Press Inc.
- SCHAAN, D.P.
1998 Resgate do sítio PA-JO-49: Cacoal: relatório técnico preliminar de escavação arqueológica. MPEG, Belém. Inédito.
1999 Programa de salvamento arqueológico nas áreas de retificação dos rios Atuá e Anajás. Relatórios das etapas de campo no rio Anajás. Fadesp/ Ahimor/ MPEG, Belém, 1º, 2º e 3º relatórios, inéditos.
- SIMÕES, M.
1965 Projeto Marajó. Relatório de Excursão. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. Ms. inédito.
- 1967 Resultados preliminares de uma prospecção arqueológica na região dos rios Goiapi e Camará (Ilha de Marajó). *Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica* (Antropologia), 2: 207-224.
- 1969 The Castanheira site: new evidence on the antiquity and history of the Ananatuba Phase (Marajó Island, Brazil). *American Antiquity*, 34 (4): 402-410.
- 1981 As pesquisas arqueológicas no Museu Paraense Emílio Goeldi (1870-181). *Supl Acta Amazonica*, 11 (1): 149-165.
- SIMÕES, M.; FIGUEIREDO, N.
1962 Projeto Marajó. Relatório de Excursão. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. Ms. inédito.
- SIMÕES, M.; ARAÚJO-COSTA, F.
1978 *Áreas da Amazônia Legal Brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos*. Belém: Publicações avulsas do Museu Goeldi.
- STEERE, J.B.
1927 *The archaeology of the Amazon*. University of Michigan: Official Publication, 29 (9) 2: 20-6.

Recebido para publicação em 21 de novembro de 2000.